

ENTRE O SER E O NÃO SER: O LUGAR DA MULHER NEGRA NA CIÊNCIA MODERNA DO SÉCULO XIX

¹Eloara dos Santos Cotrim, ²Christian Fausto Santos, ³Delton Aparecido Felipe

¹Pesquisadora na área de História, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Mestranda.
eloara_santos@hotmail.com

²Orientador, Pós-Doutor, Doutor, Mestre, e professor associado da Universidade Estadual de Maringá. Departamento de História – UEM. Coordenador do Laboratório de História, Ciências e Ambiente – LHC da Universidade Estadual de Maringá – UEM.
chrfausto@gmail.com

³Co-Orientador, Pós-Doutor, Doutor Mestre e professor associado da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História – UEM. Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Maringá (NEIAB-UEM).
ddelton@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente projeto de mestrado é discutir os discursos sobre as raças presentes na Ciência Moderna do século XIX. Problematizar como tais discursos afetam a população negra e os corpos negros. Tendo como ponto ilustrativo os questionamentos da Sojourner Truth feitos em seu discurso proferido em 1851, posteriormente intitulado de “E não sou uma mulher?”. E tendo como fonte de base os relatos de viagem de Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz ao Brasil entre 1865 e 1866, registrados na obra “Viagem ao Brasil” (1975). A respeito das abordagens metodológicas necessárias para a construção de um projeto cuja fonte documental se trata de um relato de viagem, é importante destacar que esses relatos são marcados pelo olhar construído a partir do encontro com “o outro”, de uma experiência de alteridade. Por isso, ao estudar relatos de viagem, fará parte do método historiográfico destacar o “universo cultural” do viajante, já que suas análises podem priorizar o universo cultural do viajante em detrimento do local visitado. Portanto, partimos do princípio de que a compreensão do relato de viagem requer uma análise interdisciplinar. O que se propõe, portanto, é o estabelecimento de um diálogo entre historiografia e ciências naturais do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos raciais; Filosofia moderna; Racismo científico.

1 INTRODUÇÃO

“E não sou uma mulher?” é o título de um discurso proferido por Sojourner Truth em 1851 em uma Convenção dos Direitos das Mulheres em Akron, Ohio. Sojourner, uma mulher negra que nasceu em um contexto de escravização, em 1797, em Nova York, e conquistou sua liberdade em 1823, tendo vivido uma vida de luta por direitos para a população negra, levantou questões que hoje em dia podem ser associadas ao questionamento que é o título deste trabalho: Como a mulher negra era pensada na ciência moderna elaborada a partir do século XVIII? O discurso foi registrado por Frances Gage, feminista e abolicionista.

Para além da situação dramática exposta por Sojourner neste fragmento a frase “E não sou uma mulher?” repetida várias vezes encerra todo um paradigma sob a condição de inferioridade aferida às mulheres e, principalmente às mulheres negras, por ciências do século XIX como a craniometria, neotenia e poligenia.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

No seu discurso, Sojourner percebeu que não era tratada ou retratada nem como um homem branco, nem como uma mulher branca. O poderoso questionamento de Sojourner Truth, ao perguntar se ela não era uma mulher, nos faz questionar: Por que o pensamento setentista ajudou a explicar o olhar sobre Sojourner Truth no século XIX? Para responder essa questão serão trabalhados, nesta pesquisa, os apontamentos acerca da Cadeia do Ser presentes no artigo “Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setentista” (2014), produzido por Christian Fausto Moraes dos Santos e Rafael Dias da Silva Campos. E esse trabalho irá problematizar os discursos científicos sobre raça do século XIX e levar essa problematização, também, para

as discussões sobre gênero, para tratar de mulheres negras efetivamente. Assim como abordar as subjetividades dos homens negros, levando em conta a excepcionalidade construída acerca do homem europeu desde aquela época até os dias de hoje.

Associando o discurso ao artigo citado, podemos dizer que no mesmo século em que Sojourner Truth se questionava quanto a ser ou não ser uma mulher, devido as experiências marcadas em sua pele, homens brancos, cientistas e filósofos naturais estudavam e elaboravam teorias sobre “A Cadeia do Ser”. Teorias essas que, resumidamente, faziam escalas lineares, unidirecionais e ascendentes dos seres (SANTOS; CAMPOS; 2014). A partir da Cadeia do Ser as pessoas negras não eram classificadas apenas como inferiores e sim como quase humanos. Como um preenchimento da lacuna que falta entre a evolução do animal para a mais perfeita forma do ser, o ser humano, o homem branco caucasiano.

Para abordar como a Cadeia do Ser se encaixa na realidade brasileira, a partir do olhar dos cientistas naturais, esse trabalho pretende analisar o relato da viagem de Luís (1807-1873) e Elizabeth Cary Agassiz (1850-1873) pelo Brasil. Relato este que foi registrado no livro ‘Viagem ao Brasil’(1975), cuja autoria é assinada por ambos. Essa viagem durou cerca de um ano e aconteceu entre os anos de 1865 e 1866. E a fonte se trata, portanto, de um relato sobre o Brasil, seus habitantes, sua fauna, sua flora e sua geografia, na visão de estrangeiros que visitaram o país. Tendo em vista que Luís Agassiz nasceu em Mont-Vully, na Suíça, e Elizabeth Cary Agassiz em Boston, nos Estados Unidos. Sendo assim, os dois viajaram pelo território brasileiro criando teorias a respeito do que viam e vivenciavam no país. E essas teorias ajudam a identificar como a Cadeia do Ser molda o que eles enxergam e julgam no país.

Por se tratar de um relato de viagem, o projeto contará com uma metodologia específica, proveniente do artigo ‘A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa’ (2015) de Elisa Freitas Schemes e o capítulo ‘Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador’ (2011) de Mary Anne Junqueira.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A justificativa deste projeto, se dá a partir de discussões sobre o que concerne às demandas apresentadas na Lei nº 10.639/2003. Este dispositivo pressiona os cursos básicos e superiores a incorporarem as discussões sobre a população negra. Esta pesquisa, portanto, corrobora e fortalece as discussões em torno de racismo, raça e relações sociais na academia.

O cumprimento desta pesquisa se justifica, também, por meio do fato de o corpo negro sempre ter sido visto e utilizado como laboratório, seja no século XIX, seja no século XXI. Portanto, enquanto a História não tratar desse assunto, não vamos nos livrar dessas mazelas. Atualmente, além de existir provas de que a indústria farmacêutica utiliza o continente africano como laboratório¹, vivemos a pandemia do Covid-19 e presenciamos profissionais da saúde novamente cogitarem utilizar o continente africano como laboratório. Tanto para acompanhar o comportamento do vírus quanto para realizar os testes das vacinas². Além de personalidades conhecidas na mídia propondo que a população carcerária seja obrigada a oferecer o próprio corpo para aplicação de testes na produção

¹ Discussão presente no filme “O jardineiro Fiel” baseado no livro homônimo de John Le Carré. A história presente nessas produções foi inspirada em um caso real ocorrido em Kano, Nigéria.

² Reportagem presente em: <https://oglobo.globo.com/esportes/etoo-droga-detonam-medicos-quesugeriram-teste-para-vacina-contra-covid-19-na-africa-24348896>

das vacinas da covid-19³. Sendo que é sabido e comprovado estatisticamente que, além da maior população carcerária ser composta pela população negra, a grande maioria dessas pessoas foi aprisionada injustamente e sem provas. Discusso essa, que está presente no artigo chamado “O cárcere como instrumento necropolítico do estado brasileiro: o genocídio da população negra através do encarceramento dos corpos negros femininos” (2020), de Jéssica da Silva Santana, que analisa as ações e as negligências do Estado brasileiro em relação a população negra. Concluindo que isso gera a marginalização da população negra, justificando o seu encarceramento em massa, além de, conseqüentemente, gerar o processo de genocídio (SANTANA, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso pontuar que o racismo que vivenciamos é sustentado pela Ciência. A partir daí, questionar esses espaços é um primeiro passo para este ser confrontado. É preciso tratar também sobre o Pensamento De-colonial e a descolonização do saber para que se fuja de bibliografias que trazem a população negra como objeto de estudos e não protagonistas. Isso é, inclusive, defendido por Muryatan Barbosa (2008, p. 47), em sua obra “Eurocentrismo, história e história da África”, conclui que existem diferenças entre esses autores e suas obras, mas que mesmo assim, esses autores encontram-se unidos pelas tentativas de, através da Filosofia, construir as interpretações evolutivas das sociedades humanas baseadas no progresso da história europeia-ocidental. (BARBOSA, 2008). Além de, todos eles, serem considerados os principais fundadores das teorias da História.

Concluindo, a partir das palavras do próprio Muryatan Barbosa (2008), em todos os casos dos autores que foram citados, percebe-se a reprodução da crença na excepcionalidade europeia. Isso foi definido de várias formas, mudando de autor para autor, como explica Muryatan Barbosa na obra já citada “Eurocentrismo, história e história da África” (2008), e também os autores Christian Fausto Moraes dos Santos e Rafael Dias da Silva Campos (2014) na obra “Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setentista”. “Desde uma compreensão econômico social (o capitalismo); culturalista (modernidade, cultura greco-romana); religiosa (judaico-cristã); racial (“branca”), etc.” (BARBOSA, 2008, p. 48).

REFERÊNCIAS

Fonte: AGASSIZ, Elizabeth Cary e Louis. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

BARBOSA, M. S. **Eurocentrismo, história e história da África**. Sankofa (São Paulo), v. 1, n. 1, p. 47-63, 2008.

JUNQUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa (vol.II)**. São Paulo: USP-FFLCH- Editora Humanitas, 2011. v. 1. 129 p.

³ Reportagem presente em:
<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/03/xuxa-sugere-usar-presos-paratestes-de-remedios-que-sirvam-para-alguma-coisa.shtml>

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

RIBEIRO, D. O que nos torna mulheres? Os perigos de novas normatizações e a importância do caminho descontinuo. In: **Revista Observatório Itaú Cultural: OIC**. - N. 21 (nov. 2016/maio 2017). – São Paulo: Itaú Cultural, 2007. p. 86-95.

SANTANA, J. S. **O cárcere como instrumento necropolítico do estado brasileiro: o genocídio da população negra através do encarceramento dos corpos negros femininos**. Salvador, 2020.

SANTOS, C. F. M.; CAMPOS, R. D. S. Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setecentista. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.21, n.4, out. Dez. 2014, p.1215-1234.

SCHEMES, E. F. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, XXVIII, jul. 2015, Florianópolis-SC. Anais... São Paulo: Anpuh, 2015. p. 1-13. Disponível em: Acesso em: 08 mai. 2021.